

ANEXO 1

REVISÃO TÉCNICA DOS QUESTIONÁRIOS

REVISÃO TÉCNICA DOS QUESTIONÁRIOS

O presente relatório tem como objetivos principais apresentar as justificativas para modificações sugeridas nos questionários do SOCED e subsidiar uma discussão conceitual preliminar sobre os requisitos necessários para elaboração e desenho destes instrumentos para a pesquisa educacional.

Os propósitos do SOCED estão relacionados com a investigação dos processos de socialização familiar e escolar dos setores da população de mais elevado capital cultural, a partir da identificação das práticas culturais, hábitos e condições de estudo, lazer e consumo e das relações família-escola e professor-aluno. O principal instrumento de coleta de dados é o questionário auto-administrado para as populações-alvo da pesquisa, a saber: pais, alunos da 8ª série e seus respectivos professores. O primeiro passo para a elaboração de um questionário é a construção de um quadro de referência com os conceitos envolvidos.

O propósito da elaboração desse tipo de quadro é o de definir, explicitar e justificar os conceitos (entidades construídas a partir de teorias) que se pretende captar pela aplicação de questionários. Depois de definidos, os conceitos podem oferecer chaves para a investigação das questões de pesquisa e das hipóteses de trabalho propostas.

Os conceitos podem ser considerados como codificações gerais da experiência e das observações. Na ciência, muitas vezes, eles assumem a forma de variáveis, reunindo uma coleção de atributos relacionados. A etapa da operacionalização de um questionário envolve a especificação das observações empíricas que podem ser tomadas como indicadores dos atributos (p. ex. masculino ou feminino) contidos em algum conceito (neste caso, gênero).

Nos quadros-resumo estão explicitados os conceitos que se pretende medir com o estudo do SOCED. Usualmente, em análise quantitativa, classifica-se

um conceito como observável ou latente. Frequentemente, ele é observável quando utilizamos, em um questionário, itens de informações que o respondente acredita representarem "a verdade" e o pesquisador aceita como tal. As características demográficas como sexo, idade, gênero são alguns exemplos de conceitos desta natureza. Entretanto, se o interesse do pesquisador for investigar um conceito mais complexo, por exemplo "nível socioeconômico", que evoca diferentes imagens para diferentes pesquisadores, este conceito é classificado como latente. Muitas vezes (e espera-se que isto aconteça) o respondente não identificará a finalidade latente por trás das perguntas¹. O conceito "nível socioeconômico" é frequentemente utilizado por pesquisadores sociais, mas de forma alguma está claro seu significado último. Definições diferentes de nível socioeconômico incluem: renda, prestígio ocupacional, educação, riqueza, bens etc. Provavelmente, nenhuma combinação específica destes elementos produz uma definição de nível socioeconômico plenamente satisfatório para todos os pesquisadores.

Partindo-se da concepção de conceito como resumo *ad hoc* da experiência e das observações, pode-se ver que eles não têm significados "reais". Desta forma, não há medidas "corretas" ou "incorretas", mas apenas medidas úteis, ou seja, até que ponto contribuem para compreender os dados empíricos e desenvolver teorias sociais.

A experiência anterior do SOCED foi bastante rica, uma vez que possibilitou testar adequadamente os instrumentos, os procedimentos e a preparação da base de dados. Permitiu também avaliar a clareza e precisão dos termos utilizados no questionário, seu formato, o desmembramento e a ordem dada às questões. Além disso, foi possível verificar se os itens do questionário produziram variância suficiente, se funcionaram adequadamente para gerar

¹ Maiores detalhes ver na seção "Possibilitar a construção de escalas" deste relatório.

medidas úteis de análise e se as respostas dadas a eles referendavam os conceitos priorizados.

Tendo esses pontos como norte, a presente revisão procurou sistematizar as questões críticas detectadas nessa experiência anterior, principalmente no que se refere à estruturação dos quadros de referência e às modificações dos instrumentos. As mudanças propostas nos questionários seguiram os critérios: 1) facilitar a entrada de dados; 2) evitar a criação de categorias de respostas *a posteriori*; 3) diminuir os dados faltantes; 4) tornar os itens claros; 5) possibilitar a construção de escalas; 6) ordenar os itens; e 7) dar um formato geral aos questionários. Na seqüência, um detalhamento destes critérios.

Facilitar a entrada dos dados

Nos questionários revisados cada item corresponde a uma variável na base de dados. A primeira consequência deste procedimento é o aumento do número de itens se comparado com os questionários originais (por exemplo, o questionário dos alunos tinha 34 itens, o revisado tem 119). No entanto, isto é uma vantagem porque além de facilitar a entrada dos dados, evita o procedimento ocorrido na organização das bases na experiência anterior do SOCED. No caso dos alunos, apesar de o questionário ter apenas 34 itens, a base de dados tinha 137 variáveis para a análise.

Evitar a criação de categorias de respostas *a posteriori*

Na experiência anterior foi necessário categorizar as respostas de algumas das perguntas abertas dos questionários, o que dificulta o processamento dos mesmos. Há o perigo de um membro da equipe codificar uma resposta aberta de forma diferente de outro. Os questionários revisados foram elaborados no sentido de minimizar este problema. O principal recurso utilizado

foi à transformação de cada alternativa de resposta em um item do questionário (variável), como pode ser visto no exemplo abaixo:

Item 19 do questionário original dos alunos:

Em relação às tarefas de casa, você:

- a) Faz sem atraso.
- b) Faz assistindo à TV.
- c) Faz ainda na escola.
- d) Faz porque valem notas.
- e) Faz porque os pais obrigam.

Itens 22 a 26 do questionário revisado:

EM RELAÇÃO AOS DEVERES DE CASA, VOCÊ:

(Marque SIM ou NÃO em cada linha)

	SIM	NÃO
22. Faz sem atraso?	(A)	(B)
23. Faz ainda na escola?	(A)	(B)
24. Faz porque valem nota?	(A)	(B)
25. Faz porque os pais obrigam?	(A)	(B)
26. Faz assistindo à televisão?	(A)	(B)

Um outro fator associado a esse ponto diz respeito à possível diminuição da variabilidade dos dados imposta pela posterior categorização. Um exemplo irá ilustrar melhor este argumento. O item 16 do questionário original dos pais tinha o seguinte enunciado: "Você se dedica a alguma outra atividade além da profissional?". O respondente assinalava sim ou não e em caso positivo nomeava a atividade. Provavelmente escrevia, no máximo, duas atividades, mesmo que praticasse mais. Na solução sugerida (itens 56 a 66), o respondente assinala, dentre um leque de opções apresentadas quais atividades dedica-se.

Diminuir os dados faltantes

Algumas questões podem requerer instruções especiais para facilitar a resposta adequada. Apesar de ser desejável ter categorias de respostas

mutuamente excludentes em questões fechadas, muitas vezes mais de uma resposta se aplicará a alguns respondentes. Se for do interesse do pesquisador uma resposta única, ele deve deixar bem claro na pergunta e utilizar o artifício de colocar instruções específicas entre parênteses logo após o enunciado. Isto diminui a ocorrência de dados faltantes, uma vez que se o respondente assinalar duas opções sua resposta é descartada.

Um outro aspecto associado à diminuição de dados faltantes é a elaboração de categorias de respostas exaustivas. Em outras palavras, incluir todas as respostas possíveis, minimizando, assim, a chance de o respondente deixar em branco a pergunta por não se encaixar em nenhuma das alternativas apresentadas.

Tornar os itens claros

Itens de questionário devem ser precisos, de forma que o respondente saiba exatamente qual pergunta deve ser respondida. Ele deve ler um item rapidamente, entender sua intenção, e escolher ou dar uma resposta sem dificuldade. Em geral, o pesquisador deve supor que os respondentes irão ler os itens rapidamente e dar respostas rápidas; portanto, fornecer itens claros e curtos diminuirá as chances de serem mal interpretados.

Há vários métodos para apresentar uma série de alternativas a uma pergunta. Os questionários originais do SOCED utilizaram o recurso de caixa em branco na qual o respondente deveria, em alguns itens, assinalar com um "x" e, em outros, colocar um número correspondente às categorias de respostas ordinais propostas. Este recurso mostrou-se insatisfatório, principalmente porque gerou mal entendidos entre os respondentes, levando os pesquisadores a descartar dados relevantes. Desta forma, nesta revisão, optou-se pelo formato utilizado em outros estudos quantitativos como, por exemplo, o SAEB, a saber, letras dentro de parênteses "(A)". Entretanto existem outras formas de apresentação, mas o

que deve ser resguardado é a utilização de um mesmo formato para todos os itens e, quando necessário, a colocação de instruções para o respondente.

Uma outra providência diz respeito às questões contingentes. Tais questões são aquelas que somente um subconjunto dos respondentes estão aptos para respondê-las. Podemos citar como exemplo a questão 17 do questionário do aluno: "Nos últimos 12 meses, você teve professor particular?". Somente aqueles que respondem "SIM" estão aptos para responder as questões contingenciadas a esta (itens 18 a 20), que versam sobre aspectos associados ao fato de ter professor particular.

O uso apropriado desse tipo de pergunta pode facilitar a tarefa de responder um questionário e também melhorar a qualidade dos dados produzidos. Uma forma de evitar que todos os respondentes leiam as perguntas que não sejam relevantes para eles, é a colocação de uma instrução clara que os direcionem no questionário. A seguir um exemplo (item 17 do questionário do aluno) de como foi dada a instrução nos questionários revisados.

17. NOS ÚLTIMOS 12 MESES, VOCÊ TEVE PROFESSOR PARTICULAR?

(A) Sim.

(B) Não. → PASSE PARA A QUESTÃO 21.

Possibilitar a construção de escalas

A pesquisa de *survey* é habitualmente vista como fazer perguntas, mas o exame de um *survey* típico provavelmente mostrará tanto declarações como perguntas. Questões e declarações podem ser usadas vantajosamente porque possibilitam maior flexibilidade dos itens e tornam o questionário mais interessante.

Com frequência, em um questionário, existirão várias perguntas com o mesmo conjunto de categorias de respostas. Um exemplo típico são os itens que

utilizam a *escala Likert*². Em tais casos, muitas vezes é possível construir uma questão matricial, como é o caso dos itens 5 a 8 do questionário do aluno.

MINHA ESCOLA É UM LOCAL ONDE:

(Marque apenas UMA opção em cada linha)

	Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente
5. Faço amigos facilmente.	(A)	(B)	(C)	(D)
6. Fico incomodado / fora de lugar.	(A)	(B)	(C)	(D)
7. Fico à vontade.	(A)	(B)	(C)	(D)
8. Fico entediado.	(A)	(B)	(C)	(D)

Esse formato tem numerosas vantagens. Primeiro, usa espaço de forma eficiente. Segundo, os respondentes provavelmente acharão mais rápido completar um conjunto de perguntas apresentadas desta forma. Terceiro, o formato pode facilitar a comparabilidade das respostas dadas a perguntas diferentes tanto para o respondente quanto para o pesquisador.

Além disso, utilizando-se o mesmo conjunto de categorias de respostas, a comparabilidade com outros estudos quantitativos (PISA, SAEB e estudo Sibele³ para citar alguns exemplos) que também usam os mesmos itens torna-se possível. Entretanto, o formato de questões matriciais pode induzir um padrão de resposta. Um recurso que minimiza este problema é a alternância de declarações representando orientações diferentes e fazendo-as curtas e claras, como pode ser observado no exemplo dado acima.

² O termo *escala Likert* é associado a um formato de perguntas frequentemente utilizados nos questionário de *survey*. Basicamente, mostra-se aos respondentes uma declaração e se pergunta se eles "concordam fortemente", "concordam", "discordam" ou "discordam fortemente". Segundo Babbie (1999, p.232) "o valor particular deste formato é a ordinalidade não-ambígua das categorias de respostas. Se fosse permitido aos respondentes inventar ou escolher respostas como 'concordo até certo ponto', 'concordo mesmo', 'concordo com quase tudo', e assim por diante, seria impossível julgar a força relativa da concordância dos vários respondentes. O formato *Likert* resolve facilmente este dilema".

³ O estudo Sibele refere-se a pesquisa de doutorado intitulada "Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?" que está sendo desenvolvida por Sibele Cazelli sob a orientação do professor Creso Franco no programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio.

Com relação à construção de um questionário, raramente é possível captar adequadamente a partir de uma única pergunta um conceito complexo. Um único item nos dá somente uma localização rudimentar de um respondente em uma variável. Vários itens podem dar uma medida mais exata e abrangente. É impraticável, na análise dos dados, considerar simultaneamente todas as respostas particulares dadas por um respondente. As escalas são dispositivos de redução de dados, uma vez que as várias respostas de um respondente podem ser reduzidas em um único valor e mesmo assim preservar, quase totalmente, o seu padrão de resposta. As escalas são construídas de maneira a ordenar os respondentes em termos de conceitos latentes como nível socioeconômico, sofisticação intelectual, preconceito, diálogo familiar etc. O escore de um respondente em uma escala de preconceito, por exemplo, fornece uma indicação de seu preconceito relativo, quando comparado a outros respondentes. Um aspecto relevante na construção de escalas é a necessidade da unidimensionalidade, isto é, uma medida deve ser composta a partir de itens que representam apenas uma dimensão. Saber se um conjunto de itens é unidimensional nem sempre é uma tarefa fácil, por isso existem ferramentas estatísticas específicas (como o software MSP) que analisam essa questão.

A escala Likert é um método interessante para a construção de escalas uma vez que cada categoria de resposta para os vários itens pode ser ponderada de maneira uniforme. Com quatro categorias de respostas podem ser atribuídos escores de 0 a 4, levando em conta a "direção" do item (atribuir o escore 4 a "concordo totalmente"). Cada respondente recebe então um escore geral, representando a soma dos escores recebidos pelas respostas aos itens individuais.

Resumidamente, as escalas oferecem as seguintes vantagens para a análise de dados: a) a impossibilidade, na maioria das vezes, de um único item representar bem um conceito complexo é superada pela presença de vários itens;

b) medidas compostas permitem maior amplitude de variação da variável. Enquanto um único item dicotômico fornece apenas dois níveis de intensidade (alto e baixo), a combinação de cinco itens resulta na criação de uma escala variando de zero a cinco. Ou se estes cinco itens utilizarem uma escala de Likert de quatro categorias de respostas, esta variação vai de zero a vinte, aumentando consideravelmente a amplitude; e c) as escalas são ferramentas eficientes para a redução de dados.

Um exemplo da lógica empregada na revisão dos questionários com o objetivo de possibilitar a construção de escalas refere-se ao conceito de diálogo familiar. Nos últimos anos diversas pesquisas têm enfatizado o papel das redes familiares para o desenvolvimento escolar e cognitivo dos filhos. No PISA 2000 foram construídas duas escalas que mediam a comunicação entre pais e filhos sobre assuntos culturais e sociais. Análises estatísticas preliminares desenvolvidas com os dados do PISA 2000 dos estudantes brasileiros mostraram que estas duas escalas poderiam ser condensadas em uma só que mede o diálogo familiar. Em estudos envolvendo análise multivariada, esta escala tem apresentado um impacto expressivo sobre o desempenho em leitura dos jovens brasileiros.

É importante ter alguns cuidados quando se pretende utilizar escalas na análise de dados. O mais relevante é verificar, a partir de ferramentas estatísticas adequadas, se a combinação de vários itens do questionário vai resultar ou não em uma escala. Quase sempre isto depende da amostra específica de respondentes. Certos itens podem formar uma escala entre os respondentes de uma amostra, mas não formar em uma outra. Não se deve supor que um conjunto de itens que forma uma escala em uma determinada amostra, formará em uma outra.

Ordenamento dos itens no questionário

A ordem na qual são feitas as perguntas pode afetar a resposta, bem como toda a coleta de dados. Por exemplo, se são feitas algumas perguntas sobre o comportamento dos alunos, e uma pergunta aberta subsequente pede aos respondentes para caracterizar os seus alunos, as características citadas nas perguntas anteriores, provavelmente aparecerão com mais frequência do que seria caso aquelas perguntas não tivessem sido feitas. O exemplo dos itens 16 e 17 do questionário original do SOCED para os professores ilustra bem este ponto.

16. COMO OS ALUNOS SE COMPORTAM EM SUAS AULAS NESTA ESCOLA?

- a) demoram muito tempo para fazer silêncio no início da aula.
- b) entregam os trabalhos no prazo.
- c) têm dificuldade em prestar atenção.
- d) preocupam-se em entender a matéria.
- e) São bagunceiros.
- f) procuram você quando precisam de ajuda extra.

17. COMO VOCÊ CARACTERIZARIA OS SEUS ALUNOS, NESTA ESCOLA, SE COMPARADOS COM ALUNOS DE OUTRAS ESCOLAS?

Alguns pesquisadores procuram minimizar esse efeito colocando as perguntas de forma aleatória, o que poderá parecer aos respondentes um questionário caótico, dificultando as respostas, uma vez que deverão mudar continuamente o foco de atenção de um tema para outro. Na revisão realizada, as questões estão agrupadas de acordo com o quadro conceitual.

Em um questionário auto-administrado sugere-se começar com as perguntas mais interessantes e com maior grau de dificuldade de resposta ou que exigem maior esforço do respondente. Segundo Babbie (1999, p.206) "deve-se pedir dados demográficos mais insípidos apenas no final dos questionários (...)

pedi-los no começo como muitos pesquisadores inexperientes são tentados a fazer, dá ao questionário aparência inicial de um formulário rotineiro, e quem o recebe pode não encontrar motivação suficiente para terminá-lo". A lógica de construção dos questionários revisados seguiu estas recomendações.

Formato geral dos questionários

O formato de um questionário pode ser tão importante quanto a natureza e a redação das perguntas. Como regra geral, o questionário deve estar bem distribuído e não amontoado. O pesquisador deve maximizar o "espaço em branco". Segundo Babbie (idem p.199) "pesquisadores inexperientes tendem a temer que seus questionários possam parecer muito longos e, por isso, apertam várias perguntas na mesma linha, abreviam perguntas, e tentam usar o menor número de páginas possível. Tudo isso é desaconselhável e mesmo perigoso".

Todo questionário, principalmente os auto-administrados, deve conter instruções claras e comentários introdutórios sobre o seu preenchimento. Além disso, algumas perguntas podem requerer instruções específicas para facilitar a resposta adequada. A lógica de construção dos questionários revisados seguiu estas recomendações.

Referência Bibliográfica

BABBIE, E. (1999) *Métodos de pesquisa de survey*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

QUADRO RESUMO DOS CONCEITOS DO QUESTIONÁRIO DO ALUNO

Tema	Conceito	Classificação do conceito	Especificação	Operacionalização como item do questionário
TRAJETÓRIA ESCOLAR	Trajetória escolar	Observável	Tipo de escola	A.1
			Mudança de escola	A.2
			Experiência de repetência	A.3
			Comparação dos conceitos na turma	A.4
			Professor particular	A.17
			Quantidade de matérias em que teve professor particular	A.18
			Motivo para professor particular	A.19
			Circunstância para professor particular	A.20
CONTEXTO ESCOLAR	Clima escolar	Latente	Sentimento de pertencimento	A.5 → A.8
			Relação professor-aluno	A.9 → A.12
			Apoio do professor	A.13 → A.16
PRÁTICAS DE ESTUDO	Práticas de estudo	Observável	Local de estudo em casa	A.21
			Frequência do dever de casa	A.22 → A.26
			Tempo gasto com estudo em casa	A.27
			Frequência de estudo nos finais de semana	A.28
CAPITAL CULTURAL	Apoio cultural familiar	Observável	Cursos extracurriculares	A.29 → A.36
	Participação em atividades de natureza artística	Observável	Atividades artísticas	A.37 → A.42
	Conhecimento de língua estrangeira	Observável	Classificação do conhecimento de língua estrangeira	A.43 → A.47
	Diversidade de leitura	Observável	Frequência de leitura	A.48 → A.54
			Livros (3) que mais gostou	A.55
	Atitude de leitura	Latente	Atitude em relação à leitura	A.56 → A.60
	Práticas de lazer	Observável	Frequência das práticas de lazer	A.61 → A.67
	Práticas culturais	Observável	Frequência das práticas culturais	A.68 → A.77
	Diversidade de programas de televisão	Observável	Tipos de programa de televisão	A.78 → A.86
			Programas (3) de televisão que mais assiste	A.87
	Viagens internacionais	Observável	Viagens internacionais nos últimos 3 anos Local/Circunstância das 3 últimas	A.88; A.89

CAPITAL SOCIAL	Diálogo familiar	Latente	Relações familiares	A.90 → A.98
	Envolvimento da família com amigos e/ou pais dos amigos do filho	Latente	Relações extrafamiliares	A.99 → A.101
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA FAMILIAR	Posse de bens	Latente	Indicadores econômicos	A.108 → A.116
CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA	Estrutura familiar	Observável	Estrutura familiar	A.102 → A.106; A.107
	Sexo	Observável	Sexo	A.117
	Idade	Observável	Ano de nascimento	A.118
	Bairro residencial	Observável	Bairro residencial	A.119

QUADRO-RESUMO DOS CONCEITOS DO QUESTIONÁRIO DOS PAIS

Tema	Conceito	Classificação do conceito	Especificação	Operacionalização como item do questionário
CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA	Estrutura familiar	Observável	Estrutura familiar	P.1 → P.6
	Orientação religiosa	Observável	Orientação religiosa dos pais	P.25
CAPITAL SOCIAL	Envolvimento familiar	Latente	Relação família-escola	P.26 → 34 P.35 → P.41
	Participação na vida escolar	Observável	Participação dos pais na vida escolar	P.42 → P.44 P.50 → P.52
	Envolvimento da família com amigos e/ou pais dos amigos do filho e professores da escola	Latente	Relação extrafamiliar	P.45 → P.49
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA FAMILIAR	Profissão e Ocupação dos pais	Latente	Profissão do pai/companheiro da mãe Ocupação do pai/companheiro da mãe	P.11; P.12
			Profissão da mãe/companheira do pai Ocupação da mãe/companheira do pai	P.13; P.14
	Posse de bens	Latente	Indicadores econômicos	P.112 → P.123
	NSE/ABIPME	Latente	Indicadores econômicos	P.125
	Condição do domicílio	Observável	Indicadores econômicos	P.124
	Renda familiar	Observável	Indicadores econômicos	P.126
CAPITAL CULTURAL	Nível de escolaridade	Observável	Escolaridade dos pais ou responsáveis	P.7; P.9
	Caracterização da instituição formadora	Observável	Tipo de instituição do curso superior	P.8; P.10
	Conhecimento de língua estrangeira	Observável	Classificação do conhecimento de língua estrangeira	P.15 → P.19 P.20 → P.24
	Participação em atividades de natureza artística/cultural	Observável	Atividades artísticas/culturais	P.56 → P.66
	Diversidade de leitura	Observável	Indique os jornais que lê regularmente	P.67 → P. 76
			Indique as revistas que lê regularmente	P.77 → P.82

	Diversidade de programas de televisão	Observável	Tipos de programa de televisão	P.83 → P.92
	Viagens internacionais	Observável	Viagens internacionais nos últimos 3 anos Local/Circunstância das 3 últimas	P.93; P.94
	Práticas de lazer	Observável	Frequência das práticas de lazer	P.95 → P.101
	Práticas culturais	Observável	Frequência das práticas culturais	P.102 → P.111
APOIO ECONÔMICO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO	Investimento econômico na educação	Observável	Bolsa de estudo	P.53
			Comprometimento orçamentário com a educação	P.54
			Escolaridade impõe sacrifício à família	P.55

QUADRO-RESUMO DOS CONCEITOS DO QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

Tema	Conceito	Classificação do conceito	Especificação	Operacionalização como item do questionário
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL	Anos de formação	Observável	Há quantos anos obteve nível superior	Pf.1
	Anos como professor	Observável	Há quantos anos é professor	Pf.4
	Anos na escola	Observável	Anos na escola	Pf.5
	Experiência na rede pública de ensino	Observável	Trabalha ou já trabalhou na rede pública de ensino e tipo de rede	Pf.8 e Pf.9
FORMAÇÃO PROFISSIONAL	Caracterização da instituição formadora	Observável	Tipo de instituição do curso superior	Pf.2
	Titulação	Observável	Curso de mais alta titulação	Pf.3
CONDIÇÕES DE TRABALHO	Número de escolas em que trabalha	Observável	Em quantas escolas trabalha	Pf.6
	Carga horária semanal	Observável	Carga horária semanal	Pf.7
CONTEXTO ESCOLAR	Clima escolar	Latente	Relação professor-aluno	Pf.13 → Pf.18
	Perfil dos alunos	Observável	Características que melhor representam o perfil dos alunos	Pf.19 → Pf.24
	Comparação entre alunos	Observável	Como caracteriza os alunos desta escola, comparados com os de outras escolas	Pf.12
	Cooperação entre pares	Latente	Relação entre pares (professores)	Pf.34 → Pf.36
	Avaliação da atitude familiar na escolaridade	Observável	Relação família -escola	Pf.25
	Utilização de recursos pedagógicos na escola	Observável	Indique os recursos pedagógicos que utiliza nesta escola	Pf.37 → Pf.48
VISÃO SOBRE ESCOLA	Comparação entre escolas	Observável	Aspectos que diferenciam esta escola das demais em que trabalha ou já trabalhou	Pf.10
	Papel fundamental de uma escola	Observável	Opinião do professor sobre o papel fundamental de uma escola	Pf.11

DEFINIÇÃO DE ELITE	Caracterização das famílias dos alunos	Observável	Caracterização das famílias dos alunos	Pf.26 → Pf.31
	Pertencimento à elite	Observável	Pertencimento à elite	Pf.32 → Pf.33
CAPITAL CULTURAL	Conhecimento de língua estrangeira	Observável	Classificação do conhecimento de língua estrangeira	Pf.49 → Pf.53
	Diversidade de leitura	Observável	Indique os jornais que lê regularmente	Pf.54 → Pf.63
			Indique as revistas que lê regularmente	Pf.64 → Pf.68
	Diversidade de programas de televisão	Observável	Tipos de programa de televisão	Pf.70 → Pf.79
	Práticas de lazer	Observável	Frequência das práticas de lazer	Pf.80 → Pf.86
	Práticas culturais	Observável	Frequência das práticas culturais	Pf.87 → Pf.95
	Viagens internacionais	Observável	Viagens internacionais nos últimos 3 anos Local/Circunstância das 3 últimas	Pf.96; Pf.97
CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA	Salário como professor	Observável	Indicadores econômicos	Pf.98
	Média salarial em relação à categoria de professor	Observável	Indicadores econômicos	Pf.99
	Renda familiar bruta	Observável	Indicadores econômicos	Pf.100
CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA	Sexo	Observável	Sexo	Pf.101
	Idade	Observável	Idade (faixa etária)	Pf.102

Quadro resumo das principais alterações realizadas no questionário - ALUNO

Número do item no questionário original		Alterações
1.	Sexo	• redação • posicionamento (item 117)
2.	Ano de nascimento	• redação • posicionamento (item 118)
3.	Bairro em que reside	• redação • posicionamento (item 119)
4.	Quais das pessoas citadas abaixo moram com você?	• redação • posicionamento (itens 102 a 106) • cada alternativa foi transformada uma variável do tipo “Sim” ou “Não” • comparabilidade com SAEB, PISA e estudo Sibeles
5.	Quantos irmãos/irmãs você tem?	• redação • posicionamento (item 107) • acréscimo de instrução
6.	Em seu quarto você tem:	• redação • posicionamento (itens 108 a 116) • acréscimo de instrução • cada alternativa foi transformada em uma variável com indicação de quantidade
7.	Onde você costuma estudar?	• redação • posicionamento (item 21) • acréscimo de instrução • saída da opção “Outros”
8.	Conhecimento de línguas estrangeiras	• redação • posicionamento (itens 43 a 47) • cada alternativa foi transformada uma variável do tipo “Sim” ou “Não”
9.	Você estudou:	• redação • posicionamento (item 01) • saída da alternativa “somente nesta escola” - Foi acrescentado o item 02 “Desde a 5ª série, quantas vezes você já mudou de escola?” • comparabilidade com SAEB
10.	Você já repetiu de ano? Quantas vezes?	• posicionamento (item 03) • comparabilidade com SAEB
11.	Em relação à sua turma, neste ano, suas notas ou conceitos estão:	• redação • posicionamento (item 04)
12.	Minha escola é um lugar onde:	• posicionamento (itens 05 a 08) • cada alternativa foi transformada em uma variável • itens podem formar uma escala • comparabilidade com o PISA • acréscimo de instrução
13.	Com que frequência essas coisas acontecem em suas aulas nesta escola?	• posicionamento (itens 09 a 12) • cada alternativa foi transformada em uma variável • itens podem formar uma escala • comparabilidade com o PISA • acréscimo de instrução
14.	Você sente, em relação à maioria de seus professores que eles:	• posicionamento (itens 13 a 16) • cada alternativa foi transformada em uma variável

		• itens podem formar uma escala • acréscimo de instrução
15.	Você tem professor particular?	• redação • posicionamento (item 17) • acréscimo de instrução
16.	Em quantas matérias?	• posicionamento (item 18)
17.	Por que você tem professor particular?	• redação • posicionamento (item 19)
18.	Em que circunstância?	• redação • posicionamento (item 20) • a alternativa “outros” foi substituída por “eventualmente”
19.	Em relação às tarefas de casa você:	• redação • posicionamento (itens 22 a 26) • cada alternativa foi transformada uma variável do tipo “Sim” ou “Não” • acréscimo de instrução
20.	Quando necessário, quem ajuda você nos trabalhos escolares?	RETIRADA
21.	Por semana, quanto tempo você gasta aproximadamente fazendo os deveres ou estudando?	• redação • posicionamento (item 27) • acréscimo de instrução
22.	Você estuda nos finais de semana?	• posicionamento (item 28)
23.	Você faz algum curso extracurricular? Qual?	• posicionamento (itens 29 a 36) • cada alternativa foi transformada em uma variável • itens podem formar uma escala • comparabilidade com o PISA e com o estudo da SibeLe • acréscimo de instrução • acréscimo de modalidades de cursos • complementada com os itens (37 a 42) que possuem características semelhantes e que versam sobre atividades artísticas/culturais
24.	Além de cursos, você participa de atividades promovidas por agremiações como:	RETIRADA
25.	Você lê:	• redação • posicionamento (itens 48 a 54) • cada alternativa foi transformada em uma variável • itens podem formar uma escala • acréscimo de instrução • comparabilidade com o PISA
26.	Qual a sua atitude em relação à leitura?	• posicionamento (itens 56 a 60) • cada alternativa foi transformada em uma variável • itens podem formar uma escala • comparabilidade com o PISA • acréscimo de instrução
27.	Cite três livros que você leu nos últimos 2 anos e gostou bastante:	• posicionamento (item 55)
28.	Com que frequência você:	• posicionamento (itens 61 a 77) • cada alternativa foi transformada em uma variável • itens podem formar uma escala • comparabilidade com o PISA em alguns itens e com o estudo da SibeLe • acréscimo de instrução • acréscimo de modalidades de práticas

29.	Seus pais são sócios de algum clube social esportivo que você frequente?	RETIRADA
30.	Com que frequência seus pais e você:	• posicionamento (itens 90 a 101) • cada alternativa foi transformada em uma variável • itens podem formar uma escala • comparabilidade com o PISA e com o SAEB em alguns itens e com o estudo da Sibeles • acréscimo de instrução • acréscimo de manifestações de diálogo familiar
31.	Você viajou para o exterior nos últimos três anos?	• posicionamento (item 88) • acréscimo de instrução • complementa-se com o item 89 “Cite as três últimas viagens”
32.	Você viajou dentro do Brasil nos últimos três anos?	RETIRADA
33.	Que programas de TV você assiste?	• Redação • posicionamento (itens 78 a 86) • cada alternativa foi transformada em uma variável do tipo “Sim” ou “Não” • acréscimo de instrução
34.	Cite os três programas de TV que você assiste com mais frequência:	• posicionamento (item 87)

ANEXO 2

DISSERTAÇÕES E TESES DAS EQUIPES DO SOCED

Dissertações e Teses das equipes do SOCED

FASE 1

AUTOR	TÍTULO	ANO	ORIENTADOR	TIPO
Carlos Otávio Fiúza Moreira	Entre o indivíduo e a sociedade: um estudo da filosofia da educação de John Dewey	2001	Zaia Brandão	Tese
Mirianm Waindenfeld Chaves	A escola anisiana dos anos 30: fragmentos de uma experiência - a trajetória pedagógica da escola Argentina no antigo Distrito Federal (1931-1935)	2001	Ana Waleska Mendonça	Tese
Libânia Nacif Xavier	O Brasil, como laboratório: educação e ciências sociais no projeto do centro brasileiro de pesquisas educacionais CBPE/INEP/MEC (1950/1960)	1999	Ana Waleska Mendonça	Tese
Vera Maria Pereira de Miranda Henriques	ANPED e a produção da autonomia: em busca de reconhecimento e consagração	1998	Zaia Brandão	Tese
Elida Mattos Vaz	A Encenação da educação nas cartas dos leitores	1998	Zaia Brandão	Dissertação
Sandra Cabral Mendonça	Carneiro Leão: sonhos e frustrações na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (1922-1926)	1997	Zaia Brandão	Dissertação
Carlos Otávio Fiúza Moreira	Anísio Teixeira: ciência, progresso e educação	1995	Zaia Brandão	Dissertação
Libânia Nacif Xavier	Para além do campo educacional: um estudo sobre o manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)	1993	Zaia Brandão	Dissertação

FASE 2

AUTOR	TÍTULO	ANO	ORIENTADOR	TIPO
Cynthia Paes de Carvalho	Entre as promessas da escola e os desafios da reprodução social: famílias de camadas médias do ensino fundamental à universidade	2004	Zaia Brandão	Tese
Lucília Augusta Lino de Paula	O movimento estudantil da UFRuralRJ: memórias e exemplaridade	2004	Zaia Brandão	Tese
Maria da Glória Baker Botelho	Retrato em branco e preto de hibridismo midiático: práticas culturais dos estudantes de licenciatura da UFRJ, futuros professores	2004	Zaia Brandão	Tese
Patrícia Monteiro Lacerda	A vingança dos anexos ou como a elaboração de um questionário tornou-se, ela mesma, uma pesquisa	2000	Zaia Brandão	Dissertação
Jailson de Souza e Silva	Por que uns e não outros? Caminhadas de estudantes da maré para a universidade	1999	Zaia Brandão	Tese
Ana Paula Lellis werneck	Nove famílias: visões de mundo e estilos de vida - o retrato de uma realidade numa escola particular do Rio de Janeiro	1999	Zaia Brandão	Dissertação
Maura Marzocchi	Emergentes ou batalhadores: a relação família-escola na Barra da Tijuca	1999	Zaia Brandão	Dissertação
Hustana Maria Vargas	Ensino Superior Privado: objeto rejeitado pela pesquisa educacional brasileira	1998	Zaia Brandão	Dissertação
Maria Paula G. de S. dos Santos	Escola católica e formação de elites: um projeto conservador	1996	Zaia Brandão	Dissertação

ANEXO 3

TRANSCRIÇÃO DE UMA ENTREVISTA COM UMA PROFESSORA

Transcrição de uma entrevista com uma professora

Entrevista Professora

Realizada por: Zaia Brandão e Cristina Carvalho

Data: 31.01.03

Local: PUC-Rio

Duração: 2 horas e 30 minutos

Dados pessoais da entrevistada:

Idade: 54 anos

Atuação Profissional: Professora de Ciências

Tempo de formação: 35 anos

Estado civil: divorciada, 01 filho (dentista)

Bairro onde reside: Gávea

Comentários gerais sobre a entrevista:

O contato foi feito por Zaia - trabalharam juntas na Secretaria de Educação

A entrevistada apresentou preocupação inicial em não conseguir responder o que esperávamos, questionando se seria capaz de dar a "resposta certa", e essa questão foi discutida. - Zaia ressaltou que em Sociologia, os agentes sociais agem, a maior parte do tempo, não reflexivamente, mas com as representações que eles têm do mundo. A entrevista fluiu de forma descontraída e a preocupação inicial pareceu não estar presente ao longo da entrevista. Foram poucos os momentos em que ela apresentou preocupação com o fato de que o que dizia estava sendo gravado.

Iniciamos enfatizando a necessidade de focar a entrevista e usamos a imagem da mochila do aluno - "o que ele traz de casa e o que leva da escola". Ao final, acreditamos que essa estratégia não funcionou.

Percebeu-se a necessidade de buscarmos o foco nas entrevistas - os dados dos questionários podem funcionar como desencadeador.

Algumas falas retiradas da entrevista:

"Eu vou falar sempre deles comigo, porque isso varia. Depende do perfil do professor".

"É preciso deixar claro que vou estar falando de um aluno específico do Colégio e não de um aluno em geral".

"De um modo geral os meus alunos têm muita informação. Eles são meninos informados. Eu estou separando informação de conhecimento, tá? Porque a informação está disponível, e conhecimento precisa ser construído. Aí é que pega! Mas ele é informado, porque ele é um menino que viaja, eles viajam muito... eles

são filhos de... pais... com nível superior... eu acredito que tem conversa, eles ouvem, eles têm amigos, eles frequentam lugares em que as pessoas... são... têm escolaridade... eles falam bem, não cometem erros... eles têm informação. Quando chega na minha matéria, especificamente, até tem... dou Biologia... para o 1º. ano porque eles acham que eu lido melhor com esse menino que está vindo da 8ª. série que ainda tem uma idéia de titia, de **nheim nheim**. não que eu desenvolva isso, mas é que eu sou... eu sou, dizem que eu sou tolerante com aluno. Então nessa passagem da 8ª para o ensino médio, eles acham que eu faço isso bem. E eu também, gosto".

Mas a minha matéria Biologia, é basicamente o curso de Ecologia. Eu trabalho o 1º. semestre com evolução, e o segundo, com ecologia. Aí, olha só, o menino que tem informação, ele sabe, ele já ouviu falar, os conceitos básicos. As informações básicas da matéria ele já tem. Então, ele não tem muita dificuldade (ênfase) em lidar com aqueles assuntos. Porque ele é um menino informado. Qual é a dificuldade que eu sinto? No campo do conhecimento? A dificuldade maior dele é sistematizar esse conhecimento, porque eles estão, muito... eles não têm muita paciência de ficar prestando atenção na aula. Porque eu também quero que eles prestem atenção na aula. Porque eu tenho que lembrar que eu sou formada numa visão de escola... eu me esforço, Zaia! Mas que afinal eu quero dar aula. Afinal, sou paga para... ir lá e dar aula e dar aula é ir lá para o quadro, colocar a matéria (dá um tom seqüencial).. De uns três anos para cá eu comecei a mudar um pouco essa maneira de dar aula. Mas eu tenho que registrar que é o seguinte: eu mudei muito por imposição deles, porque na medida em que eles têm dificuldade de concentrar na aula... ou eu mudava ou ia viver num embate permanente. Então eu fiz mudanças na minha maneira de dar aula.

Zaia: que mudanças?

Prof: as mudanças foram: primeiro, que eu não fico falando mais do que dez minutos com eles... eu... eu..mesclo. Eu falo um pouquinho, aí eu boto uma questão, aí coloco um discutir com o outro... e você? É uma aula que me cansa muito. E por que? Eles são 40 dentro da sala, então eu mesclo.. eu falo... eu vou lá e explico... eu tenho o cuidado de não ficar muito tempo falando. Porque eles começam assim... então rapidamente e só olhar...

Cris: Você sente que eles...

Prof: Já estão voando, já estão longe... então eu digo... vamos lá. é uma coisa assim. É uma aula cansativa! Qual é a questão? Leva para o seu colega! Aí eu levo...

Zaia: A aula é de 50 minutos?

Prof: É. Eu tive a asneira de pedir aula dupla. Há três anos. Agora quando eu voltar não quero mais aula dupla. Por que eu pedi aula dupla? Porque eu queria que rendesse mais. Aula dupla... ela me dava a oportunidade.. de não ficar

correndo...é... de dividir a turma. Isso eu faço muito ainda. 15 vão para a biblioteca... Não, eu faço assim... 10 vão para o laboratório de informática... 10... para a biblioteca! Aí, eu fico com 20 dentro da sala. Ai eu proponho para os 20, sempre trabalhar em dupla -nunca individual. Eu não permito trabalhar...

Zaia: por que?

Prof: Porque tudo eu já estudei aí...eu deixo eles se juntarem de acordo com o desejo.... é sempre o coleguinha, a amiguinha. Mas de vez enquanto eu digo... não, hoje eu vou fazer dupla... aí coloco um que eu sinto que ta melhor com um mais fraco. Essa idéia de um ajudar o outro. Ai já é um cansaço. Porque no 1º tempo eu separo de 10 em 10. mas pra ir 10 pra lá e 10 pra cá eu já arrumei com o pessoal do laboratório, da biblioteca... o que que os 10 vão fazer lá. Porque não é só mandar. Ele tem que ir pra lá com uma tarefa...

Cris: uma proposta...

Prof: Isso... então.

Zaia: aí, deixa eu te perguntar uma coisa...como é que o preparo da aula. Como é que é você? Onde é que você prepara aula e como é o preparo da aula? Você prepara um semestre, cada aula.

Prof: quando vai iniciar o ano... eu preparo o que eu vou dar... separo quais são os livros... e tal... o que é que eu vou olhar. Então...a cada assunto... eu dou uma olhada, para lembrar... eu já dou isso há muitos anos...

Zaia: não eu digo assim, essa coisa assim de..

Prof: não, espera aí. É um perigo por um lado porque eu já faço isso há muito tempo. Aí, eu digo assim... mês que vem eu vou separar... eu vou fazer isso... biblioteca e tal e tal. Aí, eu em casa eu separo ... a minha intenção, por escrito, no pessoal do laboratório eu queria que você buscasse sites pra mim... que é um trabalho que Lea faz pra gente. Por exemplo. Eu quero que você busque sites que falem sobre a questão da qualidade da água. Aí a Ligia... ela prepara... quando eles chegam já está tudo. A Ligia sabe porque eles estão lá e o que eles estão fazendo. Pra Teresa, eu digo Teresa, eu vou trabalhar com esse assunto.é o mesmo assunto. A biblioteca é muito pobre. Vê aí o que você tem é pobre em.... não é pobre em livro não. É em proposta, ela não tem proposta. Eles disseram que esse ano iam mudar. E eu vivia dizendo isso pras mulheres lá. oH! Essa aqui é uma biblioteca com uma concepção antiga.

Zaia: quer dizer, a biblioteca não exerce nenhuma atração.

Prof: não...não ...nada. a biblioteca realmente tem que ter um projeto, uma proposta. Mas ai o que você tem aí? Aí quando os menos chegam ela já está com o material todo separado, ai organiza, senão perde tempo um roteiro... o que eu quero.

Cris: E isso dá um trabalho danado.

Prof: isso é três semanas trabalhando assim. Na sala eu uso vídeo. Por que o que eu quero fazer? Eu quero trabalhar com as linguagens, com audiovisual, impresso, dvds,,, está tudo aí. Então tá todo mundo vendo aquela mesma coisa...

Cris: A questão é a mesma...

Prof: Isso. É evidente que o vídeo... vai dar um ... Nenhum vídeo aprofunda nada. O vídeo sensibiliza... tem uma... uma intenção que não é a dos outros. Ai, os vídeos... a gente desce, faz um debate, aí eu proponho que eles... boto duas perguntas, ou uma, depende. Sempre em dupla. Isso tudo tem que acontecer.

Zaia: a pergunta é feita por você ou é...

Prof: é uma questão? Ai eles discutem... enquanto eles estão lá fazendo a tarefa Blá,blá blá que eu... ou enquanto eles estão assistindo o vídeo eu... subo pra ver os outros. Aí eu entro lá? Teresa, tudo bem? Alguma dúvida? Professora, não sei o que (imita a voz dos aluno) tudo rápido. Tem que ser tudo muito rápido. Não é assim? Agora? Não é assim tudo MTV? Então a aula é assim. Aí, Lígia está tudo certo? Eles estão brincando. Apesar do Colégio.... ter um computador para cada aluno eu sempre faço o trabalho em duplo. Ai eles ficam um computador do lado do outro, cada um no seu. Eu digo... entrem no mesmo site... olhem a mesma coisa... fiquem discutindo se isso serve para o que eu quero... pode até cada um ficar numa máquina, mas eu quero...

Cris: a troca.

Prof: Mas sai conversa... é mais difícil. Lá é mais difícil. Ai bateu o sinal. Isso é um tempo de aula... por isso eu pedi dois tempos de aula. Bateu o sinal, desce todo mundo. Aí a gente vai conversar do que ... como foi? Ai passa rápido. Porque eu tiro relator. Fica uma aula animada, sabe? Agora eu não posso fazer isso toda hora. É muito cansativo.

Zaia: Mas eles gostam muito.

Prof: Gostam.

Cris: E você tem que ter toda a estrutura e disponibilidade.

Prof: É . tenho que ver o cronograma...

Zaia: Os outros usam muito?

Prof: Quem usa mais é o professor de português... tem os professores específicos que usam muito. Já desenvolveram software (e nomeia alguns professores)

Zaia: Mas você atribui ao professor ou à disciplina?

Prof: Ao professor.

Zaia: Não é uma coisa que certas disciplinas que exigem mais?

Prof: Não. Isso...

Zaia: e o professor que faz isso, porque você acha que ele chega a fazer isso?

Prof: Bem, aí eu posso dizer porque é que eu faço isso. Eu faço sempre na vida... e não é só na aula não. É na vida. Eu estou sempre achando que eu podia fazer diferente... eu não me acomodo. Entendeu? Eu faço isso não é porque o meu aluno sabe eu quero que ele.. eu quero que a minha aula seja boa... deve ser uma vaidade sem tamanho... sei lá. Não é pra falar? Então é assim... eu quero que o aluno goste da minha aula. Eles gostam muito, gostam. Eu brigo pra caramba com eles. Quer dizer. .. eu não quero ser enfadonha, ser chata, e uma aula chata que nem eu agüento. Porque pra eu agüentar isso, tem que ser interessante pra mim. E fora isso eu trabalho num outro lugar que me instiga o tempo todo a ficar testando essas coisas, porque eu trabalho dando treinamento a professor. Como é que eu vou falar de uma coisa que eu não vivencio? Então aquilo ali é também um campo experimental para mim. Então é isso. Eu acho que na vida não tem essa coisa ideal não. A gente faz, o que interessa fazer. Eu quero sempre estar sabendo como é...por que que eu to aqui? No fundo é a mesma razão, né?

Zaia: O teu lado inquieto. Que é de personalidade.

Prof: agora, os outros o que fazem? Tem uma professora de matemática que é a conservadora. Ela é assim... aquela coisa. Ela parece a madre superiora. Ela tem cara das nossas professoras. Eles têm ódio dela! Mas chega no final do ano eles vão gostando dela. Meu filho estudou lá e foi aluno dela e a avaliação dele hoje, adulto é assim: eu aprendi matemática com ela. Olha que coisa interessante. A escola... não a escola esclerose... a orientadora do nível pedagógico acha aquilo.... ela gosta do meu jeito. Do meu jeito ela gosta. A outra é a conservadora chata pe pe pe ... mas eu acho que ela que com a aquela chatura dela ela chega... entendeu? Eu acho que não tem isso ou aquilo. Não ter que ser ela ou eu. Mas tem que ter um caminho no meio aí... porque ela pesquisa muito. Tem um salário muito bom... isso é importante falar... é viúva de um juiz. Isso dá a ela uma tranqüilidade econômica. Ela só trabalha no Então ela faz pesquisa. Ela desenvolve software... ela faz umas coisas interessantes.

Zaia: Como são... vamos dizer assim... o corpo docente de um colégio desses? Eles trabalham muito em várias escolas, trabalham pouco. De uma maneira geral..

A partir daqui peguei apenas alguns fragmentos

Prof: Professor reclama muito e o teor é cansaço. Aluno que não presta atenção no que a gente quer dar em aula. E não é uma reclamação do Teresiano, pois essas pessoas dão aula em outros lugares. A grande reclamação é de que está muito

difícil dar aula hoje. Eu acho que a minha parada esse ano tem como uma das causas o cansaço, manter a atenção de 40 adolescentes de 15 anos é uma barra. Se a escola trabalhar com 20 25 ela fica deficitária e aí nós começamos a correr o risco. Nós temos absoluta clareza disso. Já passou do tempo que a gente brigava com o dono da escola porque a gente queria um número menor. No Teresiano não tem reclamação do patrão (diferencia de outras escolas) está lá há 12 anos.

Diferença entre1.../.....2...../.....3.....? - No aqueles meninos me perturbavam tanto lá trás que eu acho que hoje eles devem bater em professor. Não tinham absoluta noção de limites. Aliás, meus colegas que na época trabalhavam em escolas como essa diziam que isso era um problema - absoluta falta de limites. **Eu e Zaia pensávamos o contrário.**

1 - mais parecido com 2 .

Agora, os meninos do 2 são educados, não são ruaceiros não. Por exemplo. Um ou outro. Coisa esporádica. Quando acontece eu até me assusto. Eu chamar atenção e um menino me enfrentar ... raro... raro. Eles são educados. Eles não são grosseiros. Eles não querem é prestar atenção.

Família - início (primeiro bimestre) - prática do 2 - sábado, de 8 da manhã até o último pai. Para conhecerem os seus filhos e famílias. Eles não vão conhecer todos os professores. O aluno já levou alguma coisa.

Não vão muitos pais.

Raramente vão aqueles que os filhos são muito bons.

Pais são educados... são pessoas que você vê que são de um nível socioeconômico muito alto. O cara com uma sandalinha de borracha mas você vê, né?

Mãe que foi toda produzida. Toda de vermelha - bonita ela foi se exibir para nós. Profissão: eu sou promotora. Mas eu, diante daquela produção, achei que ela era promotora cultural. Eu dei uma de Zaia. Eu não associei aquela figura 1ª área do direito.

Filho: viu minha mãe. É um culto a personalidade.

Ela é promotora cultural, né?

Não. Olha a representação que eu fiz dela.

Quando há algum problema o professor não entra em contato com a família.... tem um filtro. Isso vai para o orientador educacional, para a coordenação.

A relação com o orientador é **muito** precária. Porque o tal do orientador educacional, o orientador pedagógico é figura para nós. A leitura que nós professores fazemos deles é que não tem razão de existir dentro da escola. Eles não nos ajudam em nada. Eles só encham o saco da gente. Com observações típicas de quem não está no dia a dia da sala de aula e ficam querendo dar palpites.

Os pais eu até acho que gostam deles. O orientador educacional eles devem gostar. Sabe porque? É uma bobagem. Porque ele se sente muito psicólogo, então

tudo da mãe, do menino, ele faz uma análise, aí vira segredo de estado, porque tem um princípio não sei o que. Aê não contam pra gente. Aí chega lá no conselho de classe, no 3 ou 4, que o garoto tá ferrado, aí ele diz esse garoto tem muito problema. Pôxa, porque não falou antes? Porque ele não vê na gente... nós não somos pessoas no olhar dela... que somos capazes de ajudar. Aliás, pra ela a gente só perturba. ... a gente acha que elas não servem pra nada e elas acham que a gente atrapalha o processo o tempo todo.

Você tem a coordenadora da série, né? Eu acho que ela resolveria o problema. (explica o funcionamento, acho tudo um absurdo)

Tudo começa e acaba com uma missa. Mas eu não participo. Não me sinto.. não rezo... não acredito em Deus.

Cristina: Tem amigos com quem você sai da escola?

Eu tenho dentro da escola duas pessoas - a coordenadora e uma outra professora que são pessoas que de vez em quando a gente sai, vai a um cinema, a um teatro. Elas não fazem parte do meu... mas eu gosto de estar com elas. São muito diferentes de mim. Tem uma pessoa da minha relação que é muito diferente de mim, mas a gente se dá a mais de 40 anos. Eu a conheci no colégio (4, uma escola pública famosa), eu tinha 12 anos. Essa sim. Essa eu saio toda sexta-feira, se possível, a gente se fala várias vezes na semana. É uma coisa. O nível de amizade. Agora tem as outras pessoas que eu saio de vez em quando. Então na escola ... eu acho que eles não têm muito isso não. Um ou outro. É uma relação mais profissional. Não sei... os laços são mais profissionais, esporadicamente as pessoas saem... as relações são mais profissionais... mas as pessoas se gostam.

O que os alunos gostam/ quem são?

Prof: São meninos que além da escola tem muitas atividades. Eles todos, a maioria tem atividade esportiva. Que é uma preocupação **e-nor-me** com o corpo. A publicidade não está aí à toa. Muitos gostam de música... agora eu vejo muita **fes-ta**, assim vou passar final de semana... aí as relações de amizade parecem muito mais fortes. As meninas têm uma tal de uma agenda, né? Que elas escrevem. E a agenda para colocar fotos, escrever poesias, no início do ano já está cheia e grossa. E eu vejo sempre toda semana tem foto circulando, de final de semana, aí eles saem de lancha, eles se visitam, na casa de Angra, na casa de Itaipava eu ouço essas coisas assim.

Televisão aparece. Na época da novela do Clone eu iniciei , foi coincidência... eu sei que eu fiz um trabalho sobre clonagem o trabalho levou o primeiro semestre inteiro e fechou com um grande debate. Ai eu vi como eles vêem novelas. Os comentários da novela. Eles assistem jornal nacional, assistem novelas. E aqueles canais de jovem. MTV, friends . têm outros.

E você, vê televisão?

Prof: quando eu chego fico entre o canal 40... e eu vejo muito o canal cultura. Eu tenho coisas **cer-tas**. Toda segunda-feira eu vejo roda-viva. Uma entrevista chata eu mudo de canal, eu tenho aquele espeto aberto do canal 40 - eu gosto Miriam Leitão, Pedro Bial, depende. O GNT tem muito documentário bom. Então eu fico entre o canal 17, 40 e 41 gosto também de ver aqueles alternativos. Canal 16. ontem por exemplo no canal 14 - um canal que é a Petrobrás que financia. Ontem foi fantástico. Era um sujeito aqui da PUC chamado Marcos ..., da engenharia das telecomunicações falando da questão da telefonia, das privatizações no governo Fernando Henrique. Gente era uma coisa. Você assistindo aquilo. Dá uma tristeza ver o que fizeram. O sucateamento da Embratel. E muito mais coisa que a gente tem que entender. Enfim, eu pego esses canais assim. Gosto da tv senado, tv câmara. Novela? O clone eu vi. Primeiro que tinham aquelas coisas de árabe, aquelas coisas. Tinha umas bobearias mas eu vi. Essa não deu - é uma chatice. Os seriados eu gosto. Mas A casa das sete mulheres aquelas chamadas lindas, mas quando eu vi o primeiro capítulo, eu nunca mais vi... não é comigo. É uma bobagem. Aquelas garotinhas... tudo historinha de folhetim bobo. Jornal Nacional? Olha só. Eu tenho uma implicância com aquela Fátima Bernardes e o marido dela. Eu vejo. E dá para não ver? Boris? Eu não vejo não - tenho ódio daquele homem. Mas o jornal nacional eu vejo porque 8 e pouco eu estou saindo... eu ano sento. Eu sentar pra ver jornal nacional não. Fico escutando, to chegando em casa, to fazendo as coisas. Aí eu sento pra ver o jornal das 10 da globonews. Que ali é um jornal mais decente, que tem comentarista. Aquela coisinha da Fátima Bernardes. Milionários. O salário dos dois ... 50 mil ta nessa ordem o salário de cada um pra ficar lendo aquele tempinho que eles fazem ali. É um jornalzinho muito fuleiro. Não dedicam.

Zaia: Escola pública - qual o sentimento hoje. Como é isso. O público e o privado?

Prof: Uma tristeza. Eu acho uma tristeza. O mesmo professor da escola privada que tenta dar o melhor dele na escola privada. A não ser poucos, se tem que faltar ele vai faltar na escola pública. Se não deu pra preparar, sabe ele não prepara lá. e a escola pública, o padrão ta muito longe. A escola pública é uma escola que não tem cobrança.... hoje a classe média pauperizou está muito dentro dela, né? Na escola pública o discurso oficial da escola pública eu convivo muito no discurso oficial, os coordenadores, a secretária, E de muito compromisso, ele é muito carregado ideologicamente se você ouvir... tem uma idéia porque quando você ta na prática porque que esse mesmo professor de ensino público quando ele está numa situação de discurso público ele também se inflama. É teatro.

A prova é que toda avaliação, o SAEB - to falando do município, heim porque o estado está muito pior. Se você comparar o município com o Estado, o município está muito bem. Porque o município é organizado, são aquelas professoras de carreira, elas são muito organizadas. O prefeito quando chegou em 93 ele deu um avanço. Ele informatizou a rede toda. Quando digo informatizada digo sistema administrativo. Hoje uma professora da prefeitura se tiver que se aposentar, a aposentadoria dela sai em menos de um mês. Tudo é ágil. Tem recurso, mas esse dinheiro não rende. Dinheiro é muito importante, mas é preciso mais. O que tem que fazer? Eu tenho idéias, mas tenho que pensar. Não vou misturar não.

Então a escola pública é uma escola que o aluno não aprende. Dos 720 mil alunos da prefeitura eles estão avaliando mais de $\frac{1}{4}$ está analfabeto. Ta chegando na 5ª. série e não sabe escrever, não sabe ler. Então você tem tudo, tem bloco único, tem ciclo. Ai começa essas inovações todas. Esse professor da prefeitura é muito treinado, é muita capacitação. Vivem se capacitando... mas eu acho que tinha que parar.

Onde está o problema?

O que eu vejo? As coordenadoras eu trabalhei. Essa figura quem é alguém que tem que pensar o cotidiano pedagógico da escola. Então resolvemos chamar o coordenador pra ele conhecer o material da MultiRio (parênteses a MultiRio foi criada em 1994, em 1996 ela começou a colocar programas no ar, de televisão. De dois anos pra cá além de televisão ela também tem informática, uma publicação) mas ninguém se interessa.

Ai eu chamo são 1037 coordenadores, 1037 escolas. Apuramos frequência no ano 60%, 40% não foram atingidos (dos coordenadores aos nossos encontros) Por que não vão? Porque eles têm mil coisas pra fazer dentro da escola. A secretaria chama pra reunião todo mundo

Lado B

Fala ainda da MultiRio (são produtos comprados de terceiros - BBC, documentários, animações...) o material é de 1ª. qualidade.

A multiRio é voltada para o professor da rede pública, mas ela entra no canal 3 da NET ta passando. O professor do 2 teria multirio, futura, tve, discovery, national geographic, - ele não usa. O aluno daqui não depende só dessa aula que ele tem aqui ele tem um ambiente de informação, as pessoas falam corretamente então ele vai aprender a falar direito... ele viaja, ele vai ao cinema, ele vai ao teatro... ele tem um entorno cultural dele que não é o mesmo do aluno da favela ou do conjunto habitacional, não precisa ser da favela, ou de subúrbio -ele tem uma tia, uma avó, uma mãe que é semi escolarizada então o que ele vai fazer? Ele vai ver televisão. Eu estava conversando com a minha faxineira antes de vir para cá e ela estava me dizendo que a mãe dela foi ao cinema pela primeira vez, a mãe

dela tem a minha idade. E que ficou encantada com o tamanho daquela tela. Ai eu falei, Débora (32 anos), e você vai a o cinema? Ah eu vou. E o que você vê? Ah tem seis anos que eu não vou. Entendeu?

Os alunos da escola pública são os filhos da Débora. Num ambiente cultural precária, tudo vai ficando ...

Zaia: O que as boas escolas agregam?

Prof: eu acho que as escolas tentam **disciplinar** esse aluno... muito. É tão interessante isso. Não pode ir de short. E as meninas querem ir de shortinho. E não é para ir de short. Então se chegou de short, volta. Se chegou de sandália de borracha, volta. Às vezes eu to dando aula o aluno chega e bota o pé na cadeira da frente. Eu digo: não pode fazer isso. Mas professora, eu to revoltado assistindo a sua aula. Não, você não vai ficar com o pé - faça isso na sua casa. Ou então, ta dormindo na aula. Baixa a cabeça e dorme. Eu vou lá e digo. Oh! Não pode dormir não. Vá lá fora, vá lavar o rosto.... Isso não pode. Imagina no futuro aí, no seu trabalho. Ta uma pessoa falando, você ta dormindo. entendeu, cara? O que eu observo, eles trazem pra sala de aula uma certa o que eles fazem em casa. Pé aqui em cima. Ele estende. Talvez ele se sinta muito à vontade ou não tenha educação. Eu não sei. Então a gente tenta disciplinar. A escola já tem um papel muito disciplinador, né? Aluno atrasado, bateu o sinal depois que eu entro, tem uma norma. A partir daí, ele coloca a cara lá no vidro, eu digo, oh, não dá não. Então eu acho que aí a escola... é muito... não tem conversa. Perdeu a prova, perdeu. Entendeu. Vai fazer a segunda chamada.. mas a escola sempre teve esse papel, né? Disciplinador. Ela continua tendo. Ela tenta pegar o conhecimento e arrumar esse conhecimento. Aí que eu acho que nos tempos atuais essa postura nossa dos professores de querer **arrumar** - agora é o capítulo tal nhenhe nhenhe - isso vai ter que isso. O livro didático, né? O professor tem uma tendência a seguir ... o conhecimento vem crescendo de acordo... não é nada disso. Hoje, o computador mostrou, a informática, com o hipertexto que não é nada disso. Daqui ele abre ali e é pá, pá pá. E aí? Mas o próprio Bourdieu que é um crítico da televisão, que eu estou lendo um livrinho dele da televisão, ele falou uma coisa que eu nunca tinha pensado. Ele falou assim... o menino pega o controle, e vai mudando, pá, pá', pá. Ele para aqui, vê um pouquinho, já entendeu., pá, pá, pá. Aí sabe o que ele disse que eu nunca tinha pensado. Existe uma vantagem... porque nada do que ele está encontrando em cada canal requer dele uma construção, são coisas banais, que não exige dele telespectador, uma reflexão maior pra compreender aquilo ali. Então ele pode sair mudando de canal. Ele quer dizer que isso não quer dizer nada. Porque vê se eu estou sendo clara. Eu já ouvi esse argumento. Se o menino é capaz de sair do controle entendendo tudo que lê está vendo por que que a escola insiste na **seqüência** dos assuntos? Na **dosagem**? Então a gente tem que dinamizar, né/ tem que disponibilizar esse conhecimento para esse menino de uma forma mais dinâmica, porque quando ele entra no

computador ele está vendo o hipertexto. O que o Bourdieu vai dizendo não é bem assim não. Porque aquela informação já ta feita, ele já conhece ali não tem nada de novo o que você é. Porque ele não fica mudando de canal numa entrevista. Ninguém é capaz de no roda-viva entender aquilo entender tudo. Ou assistem ao programa ou não vai entender.

Mas eles vêm entrevista?

Jamais. O que eles vêm? Eles vêm bobeira. Aqueles programas de auditório, de Serginho Gros... uma bobagem, é tudo muito rasteiro, muito superficial, que não requer, que não exige dele uma reflexão sobre o que está acontecendo. Ele fala do fast - pensamento rápido. É tudo rápido, rasteiro. Então pode até se dar ao luxo de estar fazendo isso que no final vai entender.

Zaia: Quem são os bons alunos? Aqueles que... tem aluno assim...

Prof: É engraçado, dentro de uma turma de 40 eu vou ter dois ou três. São muito estudiosos, se preparam, as provas por exemplo são impecáveis. Você olha e diz esse garoto entendeu tudo. Dois ou três. (pensa um pouco e continua) Mas ao mesmo tempo não são alunos muito participantes. Não são pessoas assim, brilhantes, não. T^aqui tentando me lembrar de algum. São estudiosos.

Cristina: eles se diferenciam dos outros, por exemplo, na relação?

Prof: os outros tendem a marginalizá-los. Reconhecem que eles são bons. Mas não são.... eles não tem liderança.

Zaia: e quem são os líderes?

Prof: os bagunceiros. Engraçados. São os piadistas. É tão variado, né? Agora nós professores gostamos muito daquele aluno (**incompreensível** - risadas). Claro eu sou de uma geração que valoriza isso.

Zaia: E o aluno que fracassa na escola?

Prof: o aluno que fracassa é um fracasso generalizado em todas as matérias, normalmente a OE diz que tem muitos problemas em família (fala da orientadora) essa história de vida dele. . aí o colégio chama a família que aqui não é o melhor lugar. aí eles vão pro 5 (escola do gênero "pagou/passou"). Por isso que vocês precisavam ir lá pro 5. Porque entendeu, esse menino que vai entrar pro 5 é o menino que foi... a seleção natural agiu ali, né? Tem os que fracassam e vão levando (continua falando mais um pouco, também sobre o que pensa da avaliação - que não resolve muito).

A parede com a orientação educacional. Fala da relação -

Zaia: teu filho estudou no 2?

Prof: estudou, olha que engraçado, né? Eu dei aula em vários colégios. Quando eu vim pra cá. Eu nem morava aqui - morava em Laranjeiras,. Eu trouxe o Bruno pro 2 (fica no mesmo bairro onde mora atualmente).

Cristina: por que?

Prof: porque apesar de ser uma escola cristã, o ensino da religião ali, não sei se as escolas todas estão dessa forma. é uma coisa mais light. É menos impositivo, sabe? Então para um menino que o pai e a mãe são ateus e portanto, não tem também uma religião, eu não tenho isso em casa. Então o Bruno não é ateu pó opção, eu acho que ele é ateu, porque ele não tinha razão. Entrou no ensino médio. (fala da formação do filho - que considera importante). Ele gostou de estudar ai. Na avaliação dele aquela professora conservadora de matemática ele diz mãe ela é chata mas ela ensina bem. Eu aprendi matemática com ela. Eu acho isso super interessante. Já é formado - dentista (e fala mais um pouco das escolas do filho) - Ele iniciou o pré-escolar na Éden - e aí eu dava aula lá. na 5ª série. Eu recebia os alunos analfabetos. Eles chegavam analfabetos. Eu falei, peraí, uma escola moderna, a cidadania, em quem era o perfil do aluno? Filhos de artistas, profissionais liberais, pessoas politizadas, era uma coisa... muita liberdade. Peraí, liberdade o menino tem em casa. Porque houve um tempo que a escola precisa ser assim porque a gente vivia na ditadura, então proliferaram escolas Éden, Parque, CEAT... os anos da ditadura foram anos em que essas escolas tinham um espaço na sociedade. Eram escolas que permitiam aos professores ter liberdade ara falar, para se expressar. Então naquele momento era muito importante você ter escola assim. Mas ai o país passou democratizando. Então esse espaço, ele continuou sendo assim. Acho que toda escola tem que ser assim. Só que chegou um ponto em que as escolas começaram a se perder. Elas ficaram meio perdidas, meio soltas. Então a função delas que é ensinar, porque essa história de espaço de socialização... ta mais o menino tem que entrar ali, e não pode sair analfabeto, não escrevendo nada. Porque então como é que ele vai viver? Aí na Eden, foi uma escola daquela época..... (fala mais um pouco - franco-brasileiro, também - Julio Lopes...)

Cristina: Você se formou quando?

Prof: 72. 30 anos. Estudou no colégio Pedro II - centro. Tenho o maior orgulho sabia? Fiz a UFRJ, tentei fazer mestrado, cumpri todos os créditos mas não fiz a dissertação. Aí fiz prova pra cá, em com um mês de aula (**incompreensível**) aí fui pra prefeitura, para trabalhar com a Regina.

Converso mais um pouco com ela sobre a mudança que operou de uns três anos para cá na maneira de dar aula....

eu acho que a escola hoje ou ela se diversifica ou rever a sua metodologia, porque na hora que ela vai rever a sua metodologia, a sua maneira de trabalhar, ela também tem que começar a rever esse conteúdo, apesar de que a gente ainda está muito preso ao vestibular. As universidades resistem muito a mexer. (celular...) enquanto a exigência programática do vestibular ela não mudar isso nos emperra muito. Dentro da minha matéria tem conteúdos que eu já teria cortado há muitos anos. Mas eu acho que é preguiça de alguém rever e cortar.

Muita coisa. Então isso obriga, a um ensino. Sabe? Agora na medida do possível... porque eu não quero dar aula pro segundo ano? É também por isso. No 1º. isso é mais livre. Eu não tenho a pressão do vestibular. O livro didático. Sabe qual é mau sonho de consumo? Eu gostaria de não ter que adotar livro didático. Meu sonho de consumo seria assim. As escolas teriam os livros, bons livros, na biblioteca, tem alguns bons. Mas eu queria trabalhar com revistas... eu não dou sobre ciências? Então, superinteressante, ciência hoje, caderno de ciências, jornais, ecologia, eu vejo o ensino da minha matéria especificamente desta forma. eu não acredito... não tem nada a ver. O menino tem que ver que aquilo que eu to falando ali serve pra ele compreender o que está aí. Na época do clone...

Zaia: mas eles lêem superinteressante?

Prof: um ou outro. (faz um levantamento do que eles têm em casa, revistas, jornais, assinaturas, pedir ao pai que ajude ecologia...)

ANEXO 4

MINI-CURRÍCULO DA EQUIPE

Mini-curriculum da equipe

ZAIA BRANDÃO, doutora pela PUC-Rio, é professora do Departamento de Educação da mesma Universidade. Além de inúmeros artigos em revistas especializadas, publicou entre outras as seguintes obras: *Pesquisa em educação: Conversas com pós-graduandos* (2002); *A Intelligentsia educacional: um percurso com Paschoal Lemme por entre as histórias e memórias da escola nova no Brasil* (1999); *Uma tradição esquecida: por que não lemos Anísio Teixeira?* (1997); *Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão* (1984); *Democratização do ensino: meta ou mito?* (1979). Atualmente coordena o Programa de Pesquisas em Sociologia da Educação (SOCED) do Departamento de Educação da PUC-Rio e desenvolve a pesquisa "Processos de produção A escolarização das elites: pesquisa sobre o rendimento escolar do mundo natal", investigando a influência da origem familiar na escolarização dos jovens das camadas médias e superiores.

E-mail: zaia@edu.puc-rio.br

CRISTINA CARVALHO, professora do curso de especialização em educação infantil da PUC-Rio, doutoranda em educação/PUC-Rio, membro do SOCED, participa da pesquisa "A escolarização das elites". Suas últimas publicações são: CARVALHO, C. et alii. *Formação continuada de profissionais da educação infantil: dos fios da história aos desafios da prática*. In: KRAMER, S. et alii. *Relatório da Pesquisa: formação de profissionais da educação infantil no Estado do Rio de Janeiro*. (Ravil, 2001); CARVALHO, C. et alii. *Práticas de leitura e escrita na escola; Sim, temos leitura*. In: KRAMER, S. & OSWALD, M.L. *Didática da linguagem: ensinar a ensinar ou ler e escrever?* (Papirus, 2001).

E-mail: cristinamcarvalho@globo.com

SIBELE CAZELLI, membro da equipe da Coordenação de Educação do MAST, doutoranda em educação/PUC-Rio, membro do SOCED, participa da pesquisa "A escolarização das elites" e estuda a relação entre o apoio social via família e/ou escola e o acesso à educação não formal em museus. Algumas publicações: CAZELLI et alii. *Educação e comunicação em museus de ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática*. In GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M.C., *Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência* (Acess, 2003); CAZELLI et alii. *Museum-school relationship and the broadening of scientific culture*. In DUFRESNE-TASSÉ, C., *Cultural diversity, distance and learning* (ICOM/ CECA, 2000).

E-mail: sibele.trp@terra.com.br

MARIA ELENA MARTINEZ, professora e pesquisadora da Universidad Nacional de La Plata (Argentina), Programa de Incentivos a la Investigación: "Instituciones y Actores en la Formación de las Elites", diretora M. Guillermina Tiramonti. Doutoranda em educação/PUC-Rio, membro do SOCED, participa da pesquisa "A escolarização das Elites". Capítulo de livro publicado: Cultura (s) e identidades nas propostas curriculares nacionais do Brasil e da Argentina nos anos 90. In CANDAU, V. M. *Sociedade, Educação e Cultura(s): questões e propostas*. (Vozes, 2002).

E-mail: mae@uolsinectis.com.ar

LUCÍLIA LINO DE PAULA, professora e pesquisadora do Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino da UFRRJ, doutoranda em educação/PUC-Rio, membro do SOCED e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional (NEPPE) da UFRRJ. Participa da pesquisa "A escolarização das elites" e atualmente desenvolve o projeto de pesquisa "Movimento estudantil, protagonismo juvenil e trajetórias sócio-culturais".

E-mail: lucilia@dorio.com.br

DIANA MANDELERT, mestranda em educação na PUC-Rio, membro do SOCED, participa da pesquisa "A escolarização das elites".

E-mail: mandelert@openlink.com.br

FRANCISCO NERY, mestrando em educação/PUC-Rio, membro do SOCED, participa da pesquisa "A escolarização das elites".

E-mail: tocquevillen@bol.com.br